

Relato de um caso de intervenção nas relações iniciais pais-criança pequena:

Bernardo, da ausência de fala às garatujas¹

Case report of a psychoanalytic parent-infant early intervention:

Bernardo, from the lack of verbal language to scribbles

Alessandra Ricciardi Gordon*

Eliane Saslavsky Muszkat**

Resumo: Neste trabalho apresentaremos brevemente a Clínica 0 a 3 da SBPSP e sua modalidade de atendimento voltada ao atendimento pais-bebê/criança pequena e a etno-psicanálise. Vamos trazer o caso de uma família com seu bebê de 2 anos e 10 meses atendida nesta modalidade pelas autoras, que ilustra o trabalho desenvolvido na clínica. Este caso nos pareceu particularmente relevante pela evolução apresentada que permitiu a uma criança que não falava, pouco se socializava e permanecia alheia aos chamados do ambiente, a retomada do seu processo de desenvolvimento. Ao longo do relato do caso apresentamos nossa proposta e nossas hipóteses sobre a evolução do caso, em especial, da participação e envolvimento dos pais.

Palavras-chave: Intervenção inicial. Psicanálise. Parentalidade. Brincar. Simbolização.

Abstract: *In this article, we will briefly present the work of “Clinic 0 to 3” of the Brazilian Psychoanalytical Society of São Paulo and its modality of care focused on parent-infant early intervention and ethno-psychoanalysis. We will bring the case of a family with a 22-month-old baby attended in this modality by the authors, which illustrates the work developed in the clinic. This case seemed particularly relevant because of its evolution, which allowed a child who did not speak, socialized little and remained unaware of the calls of the environment, to resume his development process.*

1. Trabalho apresentado no Congresso Fepal 2024, na mesa-redonda “Clínica com bebês: desafiando fanatismos nas integrações da parentalidade”.

* Psicóloga clínica. Mestre em Saúde Mental pelo Departamento de Psiquiatria e Psicologia Médica da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Psicanalista, membro efetivo e docente, com função didática para psicanálise de crianças e adolescentes da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP). Psicanalista de crianças e adolescentes pela IPA. Docente do CINAPSIA, participante da Clínica 0 a 3.

** Psicóloga clínica. Membro associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP). Secretária-adjunta do Instituto Durval Marcondes (2024-2026). Membro da Clínica 0-3 e da Clínica Transcultural da SBPSP.

Throughout the case report, we present our proposal and our hypotheses about the evolution of the case, and in particular, the participation and involvement of the parents.

Keywords: *Early intervention. Psychoanalysis. Parenting. Playing. Symbolization.*

INTRODUÇÃO

A Clínica 0 a 3 do Centro de Atendimento Psicanalítico da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo existe desde 2005. Um grupo se reuniu com o objetivo de pensar a clínica da primeira infância e da parentalidade. Ao longo dos anos fomos ampliando nossos estudos e intercâmbios científicos, incluindo no escopo o trabalho com a etno-psicanálise.

Nosso grupo de psicanalistas oferece atendimento clínico a preços acessíveis para pais e filhos com até 3 anos e 11 meses que apresentem distúrbios do sono, da alimentação/amamentação, agitação ou irritabilidade extrema, atraso na fala, dificuldades nos vínculos, indicadores de risco de autismo e também sofrimentos ligados ao desenraizamento e movimentos migratórios, utilizando-se dos referenciais das consultas terapêuticas, da intervenção pais-bebês e da etno-psicanálise na clínica transcultural. Atendemos em coterapia e as sessões são filmadas com autorização dos pais para discussão pela equipe em reuniões mensais. É um atendimento breve, com frequência variável, cujo foco é a queixa trazida pelos pais na relação com o bebê/criança pequena. É um trabalho fascinante e os resultados não tardam a aparecer. Além dos atendimentos clínicos oferecemos um serviço à comunidade científica, através de cursos ligados a saúde e educação, grupos de estudo e conversas gratuitas.

Nesta publicação, nossa Clínica 0-3 da SBPSP² apresenta três atendimentos, neste e nos próximos dois capítulos.

Neste trabalho pretendemos trazer o caso de uma família com seu bebê de 2 anos e 10 meses atendida nesta modalidade de atendimento pelas autoras. Este caso nos pareceu particularmente relevante pela evolução apresentada que permitiu a uma criança que não falava, pouco se socializava e permanecia alheia aos chamados do ambiente, a retomada do seu processo de desenvolvimento. Ao longo do relato do caso apresentamos nossa proposta e nossas hipóteses sobre a evolução.

2. A Clínica 0-3 da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo é coordenada por Maria Cecília Pereira da Silva e conta com 24 integrantes.

BERNARDO E SUA FAMÍLIA

Bernardo é trazido por seus pais, F. de 45 anos e S. de 48, com a queixa de não ter desenvolvido a fala, apresentar dificuldades de socialização, bem como mostrar-se muito pouco acessível no trato em geral.

A mãe relata que ele saía pela rua ou garagem do condomínio alheio aos seus chamados para que parasse; entrava nos prédios pela rua por onde andavam e não suportava que pegassem na sua mão. Parecia não ouvir ou entender o que ela dizia. Na escola, as professoras relatavam dificuldades de socialização e falta de entrosamento com as outras crianças, que pareciam não existir para ele. A suspeita dos pais era de um quadro dentro do espectro autista.

Ele nasceu de parto por cesariana, prematuro de 34 semanas e ficou 12 dias na UTI. A mãe teve um sangramento importante ao longo da gravidez e ficou de repouso absoluto por várias semanas. Foi amamentado até os 4 meses, quando a mãe passou a oferecer complemento. Andou aos 14 meses e no momento da vinda da família, ainda usava fraldas e tomava mamadeira noturna além de ter um paninho que usava para dormir.

Pai e mãe são educadores físicos, a mãe tem um aspecto bem jovial e não aparenta a idade que tem. Ela teve este primeiro filho mais velha e parece ter uma apreensão bastante concreta da realidade. Reclamava de seu filho como que dizendo que o que fazia não era normal ou tampouco esperado, e nos parecia decepcionada. Mostrava-se completamente incapaz de fazer qualquer associação, indagação ou conjectura imaginativa sobre a conduta dele, como se não pudesse aceitar e compreender. Ela é muito ligada à sua própria família e parecia contar muito com o suporte deles.

Este é o segundo casamento do pai que tem um filho de 10 anos. Ele vem de outro estado e fala com um sotaque característico. Nos chamou atenção sua postura escorregadia, tudo que falava era através de perguntas ou brincadeiras e nossa impressão era a de um contato emocional pouco genuíno. Ele parecia concordar formalmente em trazer o filho, mas não se abria, mantinha-se distante e esquivo. Ele estava em uma situação profissional de transição de educador físico para corretor de imóveis.

MAIS ALGUMAS PALAVRAS SOBRE A PROPOSTA DE ATENDIMENTO

Nossa proposta de atendimento é centrada nas intervenções iniciais das relações pais-bebê /criança pequena. O atendimento em dupla permite oferecer um modelo de relação parental. Acreditamos no potencial dos pais e do bebê no sentido da construção de uma família e nosso trabalho consiste em ajudá-los a nomear, integrar e se apropriar de questões que possam estar impedindo tanto a construção da parentalidade, quanto o olhar para o filho e a constituição de uma família. Optamos por sessões quinzenais em uma sala com brinquedos adequados à idade da criança que são dispostos no chão em cima de um tapete de borracha. A família é convidada a se acomodar e inicia-se a interação.

O ATENDIMENTO

No contato inicial ficamos impactadas, pois Bernardo não olhava nos olhos, não respondia aos chamados da mãe, andava nas pontas dos pés, apresentava *flapping*, além da completa ausência da linguagem verbal. Durante o encontro ele ficou vagando pela sala e pelos brinquedos sem se deter em quase nenhum.

A partir do segundo encontro, observamos uma mudança significativa: ele veio mais calmo, sem apresentar *flapping* ou a marcha nas pontas dos pés, nos olhou e brincou com alguns dos brinquedos. Isto nos sinalizou presença de grande ansiedade na sessão inicial, mas também pensamos que a conversa com os pais e a própria reunião deles em torno de Bernardo, dando atenção e se ocupando dele, possa ter favorecido esta mudança.

Ao longo dos encontros, ele foi progressivamente explorando mais o ambiente, fazendo contato olho a olho, participando das brincadeiras com a mãe, interessado nas terapeutas, interagindo e brincando. O encontro conosco foi celebrado com sorrisos e cumprimento efusivo, observávamos um prazer genuíno! Inicialmente ele pouco falava, mas se comunicava através do olhar e gestos. Usava o recurso de aproximar a mão da mãe das coisas que queria, sem pedir verbalmente, como se o corpo dela fosse uma extensão do seu. É a ela que ele costumava recorrer, e, a partir de nossos assinalamentos passa a incluir o pai. As interações com o pai tornam-se mais frequentes no decorrer do atendimento.

Numa ou em outra sessão o pai avisa que não poderá vir; decidimos manter o encontro e ele se manteve participando das outras sessões. Algumas vezes

chegavam separados, mãe e filho primeiro e o pai na sequência. Este entrava brincando e fazia da sua chegada uma surpresa para o filho, ora se escondendo, ora dramatizando a voz de algum personagem. Com o atendimento, o pai vai se envolvendo e participando mais das brincadeiras conjuntas. Temos a impressão de que ele afinal estava tenso e apreensivo, talvez com o comportamento do filho ou com a suposição de estar sendo observado ou avaliado.

A mãe toma para si a tarefa de pensar o tratamento do filho; temos a impressão de que ela é a pessoa que resolve as coisas em casa. Com o passar das sessões, ela decide procurar outros profissionais: uma neuropediatra e uma fonoaudióloga. Entendemos que ela está se implicando no processo de ver o filho real (LEBOVICI, 1987) e ajudá-lo a superar suas dificuldades, bem como parece estar mais confiante de que seus esforços vão resultar em algo produtivo.

Nas primeiras sessões percebemos na mãe um receio de que possa haver algo muito errado consigo, que se evidencia nas alterações que relata no filho. Ela parece desligada e decepcionada, falando de alguém que não lhe diz respeito ou que não estivesse funcionando como deveria. Ela nos relata que não existem outras crianças na família ou na sua convivência social, de forma que não tem parâmetros de como seria uma criança desta idade. Isto nos parece curioso, pois ela tem contato com as crianças na escola e nas outras atividades que o filho frequenta. Talvez seja indício de dificuldades na aceitação e no entendimento que tem sobre seu filho em algum lugar de sua mente.

Bernardo foi desenvolvendo um pequeno ritual nas sessões: após o cumprimento às terapeutas, senta-se com a mãe no divã e come as bolachas e bebe o suco que ela traz. Ele nos olha atentamente enquanto faz isto e só depois senta-se no chão, onde estão os brinquedos. Passa então a se relacionar conosco, explora os brinquedos e se engaja em brincadeiras que parecem apontar para a construção de representações simbólicas.

Através da nossa postura e do nosso brincar vamos convidando os pais a participar das interações com Bernardo. O pai fica mais à vontade. A mãe, com mais dificuldades, poucas vezes vai para o chão e brinca; geralmente permanece sentada no divã relatando o que se passou na quinzena. Notamos que ambos são muito reservados e não falam sobre si, sua história ou possíveis dificuldades.

Enquanto está brincando, observamos que Bernardo se irrita muito quando contrariado ou quando não consegue realizar alguma coisa, como colocar as peças dentro de uma caixa com formas, por exemplo. Inicialmente ele agita-se e aos poucos passa a vocalizar sua irritação com a emissão de sons; sua voz

é alta e sem modulação, mas ao longo dos encontros passa a falar mais e observamos uma modulação progressiva e um interesse pela vocalização. Notamos que os pais – a mãe em especial – passam a nutrir mais esperanças no desenvolvimento do filho. Numa das sessões em que ele está bem falante, assinalamos que o trabalho com a fonoaudióloga está fazendo progressos, quando então somos informados de que ela está em férias há três semanas.

Concomitantemente, os pais relatam que ele está menos disperso e ouvindo mais o chamado deles. Ficamos curiosas em relação a esta mudança; a criança, que parecia se situar no espectro autista, passou a nos mostrar suas competências e capacidade de retomar o processo de desenvolvimento. A cada sessão nos reconhece prontamente e mostra-se alegre em nos rever, se interessa pelos brinquedos e brinca com eles, conosco e com os pais. Suas brincadeiras têm uma qualidade que parece expressar a construção de processos pré-simbólicos no trajeto para a simbolização. E ele passa a falar. No nosso entendimento trata-se de uma evolução e nos indagamos sobre as características desta retomada do processo de desenvolvimento: como isto se deu?

Nossa hipótese é que o atendimento tenha propiciado uma modificação na postura dos pais em relação ao filho. Será que poderíamos supor que através da interação com as terapeutas, eles possam ter percebido algumas características subjetivas do filho como próprias, ou seja, mais como particularidades dele e menos como algo a ser corrigido? Conjecturamos ainda que através dos atendimentos possa ter havido uma renovação da esperança na sanidade dele e os pais puderam estar mais unidos e acreditar nas suas capacidades. A participação do pai nos pareceu muito relevante, pois inicialmente a mãe parecia contar basicamente com sua família de origem, o pai parecia mais distante.

Nos pareceu que este casal foi consolidando sua parceria e que o compromisso do pai para com esta nova família foi aos poucos se fortalecendo no tempo em que durou a intervenção. Supomos ainda que ao encontrar suporte no pai, a mãe pôde se distanciar da ideia que nutria sobre o bebê imaginário e foi se aproximando e investindo a relação com o bebê real (LEBOVICI, 1987). Além disto, acreditamos que as sessões puderam propiciar uma experiência lúdica e de continência emocional que possibilitou para Bernardo a retomada do processo de desenvolvimento. Tentaremos ilustrar nossas hipóteses com algumas vinhetas clínicas mais adiante.

Antes disso, algumas ponderações nos parecem relevantes. Como já descrito, a mãe em especial, olhava para Bernardo de uma maneira que deixava transparecer estranhamento e nos levava a supor que desde o sangramento

importante na gestação, ele passou a ser sentido de uma maneira anormal. Ela expressava perplexidade com as atitudes dele, se irritava e se retraía, talvez para protegê-lo de uma possível hostilidade, mas esta distância a impedia de acolher seu filho e dar um sentido para suas atitudes, como se ele fosse um pequeno selvagem. Tendo sido concebido tardiamente, é possível que Bernardo tenha mobilizado expectativas e toda forma de fantasia nos pais, e em especial na mãe, que nunca havia sido mãe. Pensamos que a excessiva preocupação com a adequação do filho provenha daí. Mais do que olhar para o filho como alguém diferente de si e com uma subjetividade própria, este olhar teve o crivo de um julgamento e condenação precoces.

Outra possibilidade que nos ocorre é que ele tenha se mostrado como alguém estranhamente parecido, em especial na forma de apreender a realidade, claramente voltada para os aspectos concretos da experiência. Esta conduta é esperada para uma criança pequena que precisa do adulto para conter, transformar e dar um sentido para a experiência. Bernardo, particularmente, é muito sensível e manifesta corporalmente esta sensibilidade, o que é esperado para uma criança de sua idade. O que nos pareceu faltar foi a presença ativa de um/a intérprete atento/a, que recebesse, contivesse e sonhasse o que vinha dele.

Acreditamos que isto passou a ocorrer nas sessões quando nós recebíamos a família; nós nos voltávamos completamente para eles, procurando acolher, conter e transformar o que era relatado pelos pais e vivido diante de nós. Nosso *setting* de atendimento em dupla, proporciona, como já dito, as transferências suscitadas frente ao casal parental. Além disto, as terapeutas funcionam como modelo para os pais de como conversar, brincar e ouvir a criança. O olhar das terapeutas para Bernardo também possibilitou que os pais pudessem começar a percebê-lo de uma nova maneira. Toda esta interação produziu uma alteração na dinâmica familiar possibilitando a movimentação de lugares e relações antes estanques, com a participação mais efetiva e ativa do pai.

Um exemplo desta contenção e nomeação da experiência emocional ocorreu em uma sessão em que Alessandra atendeu a família em um outro local, no seu consultório, e sem a presença da Eliane, que ficou afastada apenas desta sessão em função de uma situação de saúde. Tivemos o cuidado de trazer os brinquedos e o tapete da sala usual de atendimento do consultório da Eliane para o consultório da Alessandra.

A porta é aberta e ao ver Alessandra, Bernardo dá um passo para trás. Ele se surpreende muito com este encontro em um lugar diferente e logo fica claro que ele não imaginava quem pudesse estar ali. Eles entram na sala de espera; o pai

está envolvido em uma ligação telefônica com o filho mais velho; parece ser algo importante. Após o término da ligação, são convidados para entrar. Bernardo entra, olha os brinquedos espalhados no tapete e imediatamente se urina. Podemos observar a total falta de contenção ao impacto emocional que o encontro com os brinquedos e tapete, num ambiente diferente e com apenas uma das terapeutas provocou nele. Ao que parece, os pais não o prepararam para o que ele encontraria e não encontraria ali, apesar do pedido explícito para que o fizessem.

Depois do constrangimento e reorganização do espaço, a sessão prosseguiu, e pudemos perceber claramente que ele mostrou recursos para elaborar a experiência nesta e nas próximas sessões.

Primeiro Alessandra diz a eles que Bernardo a reconheceu e ao mesmo tempo estranhou toda esta situação, e que o xixi possivelmente foi uma reação a isto. Ele olha em volta e começa a brincar com a moto. Ele usa a moto para ir de um lado para o outro meio a esmo, e de fato, estávamos um tanto desarranjados ali. Depois pega a jamanta e vai pondo os carrinhos dentro desta. Ao percebê-lo mais calmo e concentrado, Alessandra conversa um pouco sobre a ausência da Eliane, o encontro em um lugar diferente e nossa decisão de tentar fazê-lo apesar da ausência dela. A situação se acomoda um pouco, o susto passa de certa forma. Ele brinca de pôr e tirar os carros, Alessandra se aproxima e diz que ele está colocando os carros dentro, de frente, de ré. Ao ouvir “de ré”, ele faz um barulhão. Sim, de ré faz mais barulho, tem que fazer mais força – diz Alessandra. Ele brinca de entrar de frente e depois de ré, falamos do dentro e do fora, a mãe reconhece que ele gosta de brincar de dentro e fora. Surge na mente da Alessandra que existem situações em que os pensamentos se acomodam melhor na mente e existem outras intrusivas – “de ré”, mas nada é dito.

Ele tenta levantar e encaixar novamente a tampa da jamanta e não consegue, pede para a mãe ajudar, tenta levar a tampa para a mão dela. Alessandra sugere que o papai está mais perto, será que ele pode ajudar a consertar a jamanta? Ele aceita e leva a jamanta para o pai, que a conserta. Ele brinca mais um pouco e depois parece se irritar. Alessandra diz que não está dando certo, que ele está entrando pela porta e pela janela e que pela janela é mais difícil, às vezes não entra direito! Ele se acalma e leva a moto e um dos carros para um canto debaixo de uma cadeira. Brinca um pouco lá embaixo. A mãe conta sobre o relatório que receberam da escola, que diz que ele está mais comunicativo, apesar de não falar.

Ele se levanta e vai em direção à pia. O pai diz que não pode abrir a torneira. A terapeuta o tranquiliza, “tudo bem, pode abrir, temos a pia para brincadeiras também”. Vai para perto dele e arregança suas mangas. Ele a olha e aceita seu ges-

to. Parece compreender perfeitamente o que será feito. Abre a torneira. Inicialmente o pai o segura e logo quer que ele encerre a brincadeira, mas Alessandra está ao lado dele e diz que ele pode brincar, que as crianças gostam muito de brincar com água, que nesta idade é muito prazeroso e ele vai relaxando. Bernardo vai abrindo e fechando a torneira. Ele molha a mãozinha, abre e fecha. A conversa continua entre ele e a terapeuta: “você abriu, agora fechou, onde está a água? Está dentro da torneira (...) agora saiu, é abre e fecha. A água é o xixi da torneira. Ela faz xixi e para... O xixi vai para aquele lugarzinho, como o seu que também vai. A torneira abre e fecha. Bernardo também abre e fecha...”

Ficam nisso por uns 20 minutos, primeiro havia a água na mão, o prazer sensorial, depois a água que sai da torneira como o xixi que sai dele, o abrir e o fechar. Bernardo vai abrindo a torneira cada vez mais e vão falando sobre isto, onde vai dar? Quanta água tem para sair? Até onde vai? Ele explora de forma calma e ordenada. É receptivo aos comentários. E no final descobre o esguicho que pode fazer com as mãos, que de surpresa molha a ele e a terapeuta. Os pais riem um pouco, pois todos se assustam. Mas ele tenta usar o esguicho novamente para molhar. Alessandra diz: “Bernardo descobriu o esguicho, e agora quem se assustou fui eu! Primeiro eu o assustei quando apareci de repente, sem você me esperar aqui, mas você mostrou que também pode me assustar!”

A terapeuta diz a ele que o esguicho molha tudo e não se pode mais brincar assim. Ele aceita, enxuga as mãos e vai para perto da mãe brincar com a caixa de blocos, aponta as cores nomeadas pela mãe, uma aquisição recente e logo encaixa as formas coloridas, abre e retira as formas. Ele brinca de forma prazerosa com a mãe, o pai observa atentamente, sorri, e Bernardo reage através de interjeições. Às vezes acerta, outras erra, mas sorri matreiro, tem a atenção de ambos os pais e a da terapeuta. Todos estão envolvidos em acompanhar as vivências dele e em nomeá-las. Ele tira os sapatos como faz em casa, Alessandra nota que ele se sente mais confortável e diz isto a ele.

Na sequência, ele descobre a caixa de giz, mas não consegue abri-la, a terapeuta novamente sugere que ele peça ajuda ao papai para abrir a caixa. Ele brinca com as cores, depois escolhe o amarelo e faz uma garatuja na lousa. Alessandra identifica os carros como os representantes de suas capacidades mais preservadas, um Bernardo hígido e ativo. Diz apenas que ele está calmo e interessado, com vontade de brincar. Nota que ao desenhar na lousa faz uma tentativa de representar graficamente o que viveu, usa o amarelo para desenhar, que é tanto a cor dos carros como a do xixi – seria um passo em direção à representação simbólica?

Brincam com as coisas que vão para dentro e que saem, as que estão em cima e as que estão embaixo, as que somem e depois aparecem. Ele vai até uma cadeirinha no canto da sala e senta-se nela, parece tranquilo e bem instalado. Estamos perto do horário, Alessandra avisa e segue-se o ritual de finalizar a sessão. Enquanto os brinquedos são guardados, diz a eles: “puxa, tivemos um encontro diferente hoje, em outro lugar e sem a Eliane. Que susto quando nos vimos! Nossa, que susto! Tudo ficou espalhado e desmilinguido... ufa! que encontramos nossa amiga torneira que nos ajudou, fazendo pipi/água para fora e para dentro do ralo. Ufa, que brincamos disto tudo e ficou mais tranquilo! Nós ficamos aqui dentro e a Eliane ficou lá fora, em algum lugar”... Eles sorriem e a mãe concorda com a cabeça. “Na próxima vez, Eliane vai estar junto e vamos nos encontrar naquele outro consultório a que já estamos acostumados”. Bernardo olha atentamente e parece entender; a terapeuta se despede, ele acena, sai e volta para fechar firmemente a porta. Alessandra fica para dentro e ele se vai, ou talvez seja o contrário, como muitos de nossos pacientes adultos que fecham a porta da sala de atendimento de forma resoluto, nós é que ficamos fechados e eles vão para o mundo, talvez com uma maior integração.

Pensando sobre a sessão, gostaríamos de enfatizar a aparente falta de uma preparação para o encontro que resulta em um profundo impacto emocional ante a visão de uma das terapeutas num lugar desconhecido. Este impacto não pode ser contido e é descarregado no urinar-se. Meltzer (1975) nos ensina sobre o mecanismo de desmantelamento, uma desorganização pelo qual passa o ser, as partes não integradas mantidas numa relação adesiva se desmantelam na ausência do contato sensorial ou diante de mudanças súbitas; a angústia é intensa e insuportável, denominada por Bick (1967) de angústia de liquefação. Percebemos que depois desta reação de descarga e do atendimento dos pais, Bernardo aos poucos vai se acalmando e se organizando. Ele empreende uma brincadeira de colocar objetos dentro, que reproduzem o entrar, mas também o desaparecer – desaparecimento da terapeuta, do outro consultório. O ambiente estranho é sentido como intrusivo, em especial porque tem um misto de características familiares e não familiares. Podemos ver que aos poucos ele começa a brincar e é na brincadeira que a elaboração pode acontecer. Primeiro vai de um lado a outro de forma um tanto caótica, seus gestos são nomeados pela terapeuta, e aos poucos uma brincadeira vai emergindo com os veículos que se movem de um lado para o outro, e logo entram e saem do caminho. Na mente de Alessandra surgem pensamentos que podem aparecer e sumir de um continente mental já em reorganização e ora são bem recebidos, ora provocam

muito “barulho” quando entram “de ré”, ou seja, quando entram como uma intrusão. Isto nos parece ser um esboço de representação do vivido. Sua reação seguinte é se retirar com os brinquedos para debaixo da mesa, buscando ativamente um refúgio. Consegue finalmente sair e passa a brincar com a torneira, uma brincadeira sensorial, com a água escorrendo pelas mãos.

Vemos que apesar de brincar, ele retorna a uma modalidade mais primitiva de desenvolvimento, em que fica às voltas com a sensorialidade. Isto é importante porque precisamos saber onde nossos pacientes estão, ou seja, como experimentam o mundo. Bernardo nos pareceu imerso na bidimensionalidade, nas relações mais sensoriais e adesivas em que o contato físico com o objeto são fundamentais para a construção de um sentido. Sua brincadeira pode parecer simbólica, mas temos que fazer as devidas discriminações: ele está caminhando para a construção de um mundo simbólico e com sentido, ainda não está lá. Ele precisa da ajuda dos pais e da terapeuta, de todo um ambiente que possa dar continência às suas sensações corporais e nomeá-las, possibilitando a transformação em emoções. Quero marcar a diferença entre o urinar-se e o surpreender-se: um é sensação física, o outro é emoção.

Percebemos que nossa conversa e as experiências da sessão vêm como um acolhimento para toda a família. Acredito que os pais, em particular a mãe, também tenham se beneficiado e compreendido a extensão da ausência da Eliane, a outra terapeuta. Possivelmente, esta percepção só se deu lá, por isto ela não pôde explicar a ele, talvez tenha tentado, mas não tenha alcançado o filho lá onde ele estava, o que Alvarez (1992) chama de reclamação.

Com a brincadeira da torneira, acho que conseguimos construir condições melhores para que a experiência vivida fosse reproduzida ativamente e nomeada. Com a nomeação, ele brinca novamente com os carros, formas e cores e faz uma reprodução gráfica; do nosso ponto de vista, um símbolo incipiente, em construção. Acreditamos que com esta experiência construímos mais um degrau em direção à simbolização, a construção interna de símbolos que permite habitar um mundo ordenado e com sentido, capaz de ser pensado pelo sujeito, pois ele dispõe de ferramentas, símbolos interiores que podem ser manejados pelo pensamento.

Outra brincadeira semelhante aconteceu na sessão seguinte em que já estávamos de volta ao *setting* habitual. Ele chega e encontra o ambiente usual, a nossa sala com os brinquedos e ambas as terapeutas lá. Depois de um breve aquecimento, ele vai para o banheiro, adjunto à sala e tranca a Eliane lá. Logo origina-se a brincadeira de abrir a porta e depois fechar a Eliane lá dentro. Ele,

a um só tempo brinca de esconder a Eliane, que de fato esteve “escondida”, e encontrá-la novamente, com alegria e júbilo. Nos parece uma brincadeira através da qual ele encontra meios de elaboração da experiência emocional, é como se dissesse: onde está a Eliane? Ela está aqui? Não está? Eu a faço aparecer! Agora eu escondo a Eliane! Não sei onde ela esteve ou o que aconteceu com ela, mas agora sou eu quem decide quando ela está ou não conosco! E é ele quem esconde, ou seja, novamente vive ativamente aquilo a que teve de se sujeitar passivamente; ele sai da paralisia e pode modular a angústia.

Outra brincadeira desta série também se passa no banheiro: ele abre e fecha a torneira, movimenta sua mãozinha para um lado e para o outro, abre, fecha. Eliane vai narrando os movimentos dele: abriu, fechou, agora abriu de novo, olha a água saindo etc. Pensamos que tal narrativa legítima seu gesto e estimula suas potencialidades. Antes ele buscava a mão de sua mãe, e algumas vezes ainda o faz durante as sessões, mas percebemos que pode igualmente usar suas próprias mãos.

Em ocasiões em que Bernardo brincava e mostrava algumas de suas habilidades diante de nós e dos pais, procurávamos chamar a atenção para tais capacidades ou potencialidades. Pensamos que ao notar as capacidades do filho, os pais sentiam-se mais valorizados e por sua vez passaram a valorizar mais o filho. Isto trouxe um incremento do narcisismo desta família, que por sua vez nos pareceu gerar um incremento no sentimento de esperança de serem uma boa família: uma boa mãe e um bom pai, com um bom filho. Um exemplo se deu numa sessão posterior em que Bernardo passou a desenhar na lousa uma série de garatujas com as mais variadas cores de canetas. Após desenhar, fez uma torre com as canetas, e nós terapeutas exaltamos seu crescimento, seus desenhos na lousa e as torres que criava. Ele passou então a fazer torres com os blocos que depois derubava, e apontamos também força e potência. Noutra ocasião tentava girar um pião e isto foi novamente assinalado por nós como uma tentativa de desenvolver e aprimorar suas capacidades. Em suma, priorizamos um olhar atento às crescentes capacidades de Bernardo, enfatizando estas capacidades para que os pais se dessem conta do filho que crescia e se desenvolvia.

Acompanhando a família, observamos uma evolução tanto em Bernardo quanto em seus pais, que nos estimulou a escrever este trabalho. Ele passou a reconhecer a sala, os brinquedos, as terapeutas, mostrando interesse e entusiasmo com os encontros. Vinha sorridente e manifestava prazer em nos encontrar. Inicialmente pouco falava e usava o recurso de aproximar a mão da mãe das coisas que queria, sem pedir verbalmente. Mas aos poucos foi se vinculando às

terapeutas e usando seus próprios recursos em desenvolvimento para se mover pela sala, alcançar o que queria e brincar. Os pais, como mencionado anteriormente, passaram a se envolver mais com ele e a estimulá-lo, e as brincadeiras entre eles passaram a tomar corpo. O pai pôde participar mais, e a partir de nossos assinalamentos, foi incluído nas situações em que anteriormente apenas Bernardo e a mãe interagiam. Pensamos que a dinâmica desta família, antes muito apoiada pela família da mãe, se alterou para abranger o círculo que pai, mãe e filho formavam, juntamente com o filho mais velho do pai.

Através das intervenções, algumas das quais brevemente relatadas aqui, pensamos ter ajudado esta criança a retomar o processo de desenvolvimento, bem como aos pais poderem se voltar para o filho e investir no seu crescimento com renovada esperança. Ambos tinham o objetivo de ajudá-lo e acreditamos que o atendimento favoreceu esta união em torno da tarefa, embora tenham mantido uma reserva notável com relação a suas próprias vidas.

Alessandra Ricciardi Gordon

argordon@uol.com.br

Eliane Saslavsky Muszkat

eliane@mcd.com.br

Referências

ALVAREZ, A. *Reclamation and live company: normal couterparts in the caretaker-infant psychotherapy. Live Company, psychoanalytic psychotherapy with autistic, borderline, deprived, and abused children.* Inglaterra: Routledge, 1992.

BICK, E. Notas sobre la observación de lactantes en la enseñanza del psicoanálisis. *Rev. Psicoanal*, Buenos Aires, v. 24, n. 1, p. 97-115, 1967.

LEBOVICI, S. *O bebê, a mãe e o psicanalista.* Tradução de Francisco Vidal. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

MELTZER, D. *A bidimensionalidade como um parâmetro de funcionamento mental: sua relação com a organização narcisista. Explorações em Autismo*, cap. IX, 1975.